

# Abertura

*"As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo estão na ordem natural das coisas e não constituem fato sobrenatural tanto que de tais comunicações se acham vestígios entre todos os povos e em todas as épocas."*

*(O Livro dos Espíritos, Prolegômenos)"*

*"Dirigimo-nos aos que veem no Espiritismo um objetivo sério que lhe compreendem toda a gravidade e não fazem das comunicações com o mundo invisível um passatempo."*

*O Livro dos médiuns , Introdução)*

## ***Na esteira do relacionamento Mediúnico***

Desde os mais prístinos tempos da humanidade terrestre, os Espíritos estabelecem contato com os seus irmãos encarnados, na busca do entrosamento capaz de confirmar a exuberância da vida.

Nas mais recuadas culturas vê-se a pujança da presença espiritual, principalmente através das construções mitológicas que atribuíram aos seus deuses e heróis a vitalidade necessária para que eles pudessem atuar no concerto das existências, participar das atividades mais comuns ou mais complexas das criaturas.

Cada povo, ao relacionar-se com seus deuses, descontraidamente ou de modo tenso, amedrontado, possivelmente não se desse conta de que os vestia com o produto da sua inventividade, da sua imaginação, a velha realidade do Mundo dos Espíritos e dos seres que se movem nessas dimensões.

Não é à toa que são encontradas no seio de todas as sociedades da Antiguidade, histórias muito similares, explicações semelhantes para o surgimento do mundo, das divindades, dos heróis e suas ocupações. É que quando o conhecimento universal alcançava os povos, ele era registrado e interpretado segundo as estruturas intelectuais e psicológicas desses povos que o retratava de conformidade com sua cultura.

As mitologias da Grécia e de Roma tinham muitos pontos de contato com as germânicas, com a mitologia dos chineses, dos africanos e de variadas outras sociedades.

Aqueles seres que norteavam ou que desnorteavam os indivíduos ou as comunidades não passavam de seres espirituais, naturalmente revestidos com os dados da criação do imaginário popular que ganhava força por ser crido e aceito por todos.

No atritar dos fatos como tempo passante, esses deuses – que se comunicavam por meio de seus instrumentos mediúnicos, que eram chamados pítons e pitonisas, hierofantes, richis, profetas - foram, pouco a pouco, absorvidos pelas pessoas como pelas famílias, passando a fazer parte das crenças domésticas acerca da sua participação nos atos da existência. Com o tempo foram chamados de Espíritos, mormente depois que eles mesmos assim se chamaram.

Em toda parte, na Antiguidade, fosse na África, **na África, na Ásia ou na Europa**, essas criaturas se comunicavam e deixavam exaradas suas mensagens. Quando eram nobres, suas orientações eram a fraternidade, a produção agropecuária, a manutenção da paz, a preservação da vida em boas bases. Quando eram entidades ignóbeis, claro que destilavam as sugestões beligerantes da guerra, da prostituição, da criminalidade.

Aqui e ali, numas e noutras mitologias, apareciam as figuras dos deuses maiores e dos deuses menores, correspondendo ao que hoje costumamos nomear de Benfeitores – Espíritos benévolos e superiores – e Obsessores – Espíritos imperfeitos – em função da mentalidade que nos caracteriza atualmente.

E não é por acaso que esses deuses eram portadores das virtudes e dos vícios que caracterizam o gênero humano, demonstrando que se estava tratando dos filhos de Deus, uns em bom estado de evolução geral, alguns em nível mediano e outros em estágios muito rudimentares de avanço como deparamos no planeta.

\*\*\*

Com a chegada da Doutrina Espírita na Et1ropon do século XIX, mais propriamente em Paris, na França, alteiam-se os entendimentos a respeito desses indivíduos e de seu relacionamento com o mundo corporal. Ao invés de algo sobrenatural, o Espiritismo demonstra o caráter natural desses fenômenos, nada obstante as marcas de sua paranormalidade.

O Espiritismo passa, então, a orientar a todos os interessados em contatar esses agentes do Invisível, dando as explicações sobre a sua realidade, seus níveis e estágios de progresso, suas ordens e suas classes, deixando bem longe as considerações meramente míticas dessas relações, levando todas as pessoas a pensar mais profundamente a respeito.

Ao reunir essa quantidade de orientações e explicações técnico-teóricas sobre o fenômeno mediúnico, o notável Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, elaborou a formidável obra *O Livro dos Médiuns*, que veio a lume a **15** de janeiro de 1861, tendo como sentido representar o seguimento de *O Livro dos Espíritos*, abordando as questões pertinentes ao *Espiritismo Experimental*.

Esse livro, profundamente feliz, tem suportado e superado a indiferença de grande contingente de pessoas ligadas ao Movimento Espírita que o ignora e que segue entendendo e atuando como bem lhe apraz. Mas a voz silenciosa de *O Livro dos Médiuns* avança, disponível sempre, para os que têm ouvidos de ouvir as instruções daqueles que ditaram a Doutrina dos Espíritos. É por isso que, 140 anos depois do seu aparecimento em Paris, suas informações continuam promovendo clareza e lucidez sobre a questão mediúnica que, por sua vez, impõe-se como gigantesco desafio para todos os que laboram nas lides fenoménicas, quer como médiuns, quer como diretores e doutrinadores, ou mesmo como estudiosos comuns que pretendem compreender cada vez mais e melhor esse grandioso intercâmbio entre os "mortos" e os "vivos", durante toda a história do mundo.

\*\*\*

Nas evocações dos 140 janeiros dessa avultada obra literária do Espiritismo, quisemos depositar, junto ao pedestal sobre o qual esse monumento de luz se projeta, nossa corbeille de lises, como pálida homenagem de gratidão ao gênio inigualável de Allan Kardec que, sob a inspiração de Jesus, soube dar a esse Livro o caráter de roteiro que lhe orna a existência.

Reunimos algumas perguntas em torno dos temas da mediunidade, perguntas que foram apresentadas ao médium em várias localidades brasileiras e de fora do país, em seminários, encontros, diálogos e conferências, a fim de respondê-las mais detidamente, sem nenhuma presunção de esgotar os questionamentos com nossas reflexões simples.

Pautamo-nos no lúcido pensamento kardequiano; transcrevemos num ou noutro ponto o texto literal de *O Livro dos Médiuns*, ante qualquer dificuldade na evocação dos devidos termos, associando os pensamentos dos Espíritos e do Codificador, exarados também em *O Livro dos Espíritos*, vinculando-os, ainda, ao *Novo Testamento*, sempre que vimos a importância dessa providência.

Sem nenhum outro propósito que não seja o de cooperar com os estudos dos irmãos e companheiros encarnados, estudiosos do Espiritismo e, em particular, da mediunidade, é que desejamos colocar em suas mãos, amigo leitor, essas páginas para que junto a reflexionemos.

Desejoso de que essa obra simples logre fazer algum lume no campo desafiador das tarefas mediúnicas, agradecemos ao Cristo Excelente pelo ensejo de trabalho que nos permite desenvolver, ainda que singelamente, em Sua pujante Seara.

Camilo

Mensagem psicografada pelo médium L. Raul Teixeira, em 26MAR2001, na Sociedade Espírita Fraternidade, em Niterói-RJ

## **Parte 1**

### **A mediunidade e os médiuns**

*" Todos os homens são médiuns, todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-los"*

Channing\*

\*O Livro dos Médiuns, cap. XXXI, item X.

Desde as páginas luminosas de *O Livro dos Espíritos*, podemos verificar, pelas informações ali contidas, que os seres humanos são portadores de certa faculdade que os põe em permanente contato com o Mundo Invisível. Os Imortais afirmam ao Codificador Allan Kardec, em diversos momentos, a possibilidade de acesso à mente do encarnado por parte dos desencarnados: *"quando vos julgais mais ocultos, é comum terdes ao vosso lado uma multidão de Espíritos...; influem a tal ponto em vossos pensamentos que, de ordinário, são eles que vos dirigem.; no conjunto dos pensamentos que vos acodem, estão sempre de mistura os vossos com os nossos."*

Tudo isso confirma que todos são médiuns, uma vez que sofrem a interferência psíquica de seres de uma outra dimensão vibratória.

O fato de os desencarnados poderem interferir sobre a vontade dos encarnados, de modo mais ou menos intenso, caracteriza a existência desse canal de abordagem, ao qual denominamos mediunidade.

Não significa que, em razão dessa influência intensa, sejam os encarnados vítimas indefesas ou fantoches inevitáveis de todo e qualquer Espírito.

Embora a criatura humana esteja sujeita ao psiquismo do além, o fenômeno não ocorre de maneira inarredável como a chuva de meteoros que cai sobre o planeta. Essa é uma lei astronômica, perfeita em seus fins, irretorquível por ser perfeita. Trata-se da lei de atração existente entre os corpos que se movem no espaço. Nas relações entre "mortos" e "vivos" deparamos com leis psicológicas de afinidade, onde está marcadamente envolvida a questão da volição, da vontade de ambos os lados.

Nenhum desencarnado invade a mente de um encarnado sem que este o autorize, de modo consciente ou inconsciente, por causa

do comportamento que adota em sua vida. Dessa forma, a ignorância a respeito das leis que regem as relações mentais há permitido que muita gente admita não ter nada a ver com os fenômenos que lhe estejam acontecendo, ou que é vítima inerme dos Espíritos.

Todos os seres sobre a Terra são Espíritos provindos da mesma realidade, Deus, quanto do mesmo meio - o *mundo normal primitivo* - que é o mundo dos Espíritos. É pelo motivo de mantermos essa identidade que os "vivos" são passíveis de registrar a intervenção dos "mortos", mas também de os "mortos" serem compelidos a registrar a ação dos "vivos". Sim, a relação é de mão dupla. As influências são recíprocas, embora os encarnados estejam mais preocupados com aquelas que sofrem do que com as influências que imprimem.

A diferença existente entre uns e outros, "vivos" e "mortos", é a condição física. Os primeiros se acham vinculados a uma estrutura biológica, que funciona como um lucivelo para o Espírito, impondo-lhe, durante o período da reencarnação, incontáveis limitações, fundamentalmente na área dos registros, que, nos "mortos", são muitíssimo mais intensos e claros.

Esse lucivelo faz com que as vibrações espirituais dos "vivos" sejam menos intensas; impede-lhes a agilidade mental, empobrecendo a elaboração dos pensamentos, a organização das ideias, dificultando o alcance de muitos conhecimentos que são mais facilmente assimilados para a generalidade dos "mortos". Assim, verificamos os paradoxos da nossa cultura. Os "vivos" estão limitados, mortos em suas capacidades do mundo corporal, enquanto que os "mortos" seguem dinâmicos, capacitados grandemente em suas realizações, dependendo somente do estado de progresso íntimo - intelectual e moral - que se encontrem.

É em virtude dessas limitações, impostas pela reencarnação, que o Criador permite sejam abertas as comportas dos registros mediúnicos, para que os encarnados estejam sendo sempre lembrados acerca da sua realidade imortal, dos deveres assumidos com a



lei de evolução, que os trouxe à Terra, para que não se vejam como ludâmbulos no estuário da vida planetária, e para que aprendam a dispor desses conhecimentos, percepções e certezas a serviço do bem e do belo, onde estejam.

A faculdade de pensar, de emitir seus pensamentos e de captar os pensamentos alheios, de outro modo, predispõe os "vivos" e os "mortos" a se captarem, reciprocamente. Aí está o fundamento técnico da faculdade mediúnica. Como num sistema eletromagnético, no entanto, é que funciona o processo da ligação mental. É preciso haver sintonia. Há necessidade de que haja afinidade entre as partes envolvidas, para que os variados fenômenos mediúnicos tenham lugar.

Os indivíduos médiuns - aqueles *"em que a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada"* -, ao se aperceberem de que são portadores desses canais de especiais captações, costumam receber o convite da Doutrina Espírita, através de diversos veículos: um livro, uma conferência, uma conversa, uma mensagem volante, um filme, um programa de rádio ou de televisão, ou, ainda, por meio da convocação da dor, da perda, da perturbação obsessiva. Nada obstante, podem tudo relegar e seguir vida afora, como bem entenderem, recalcitrando contra o chamamento, deixando passar a abençoada ensancha do aprimoramento, da prestação de serviço ao próximo, da libertação.

Incontáveis e grandiosas foram as almas que passaram pelo mundo pondo-se a servir de ponte entre a vida física e o além.

Viveram, aprenderam, sofreram, equivocaram-se, como qualquer ser humano, desejosos, no entanto, de confirmar a nossa realidade espiritual e de permitir esse ingente contato entre os dois campos em que se movimentamos Espíritos. Dentre elas, podemos nos referir a Douglas Home, Eusábia Paladino, Eleonor Piper, Henry Slade, Frederico Junior, Zilda Gama, Yvonne Pereira, Francisco Peixoto Lins, Mirabelli, Ana Prado, juntos ao imenso panteão de

outras valorosas almas que se devotaram à mediunidade, com fins enobrecidos, enquanto outras tantas prosseguem, mundo afora, no afã de prestar sua cooperação aos interesses do Criador junto a Sua criatura.

Se te achas na situação de ter descoberto a faculdade mediúnica em ti, que tua mente seja violentada pela perturbação.

Inicia o teu roteiro de bons serviços, com a disposição de entende, o que se passa contigo. Então, estuda. Ao prosseguir fiel aos estudos, começarás a sentir a necessidade de ser útil. Então, apresenta-te para o trabalho, com simplicidade, com modéstia. A partir desse momento, com a compreensão de quem tu és no campo aberto do mundo, estarás em condições de empreender a marcha do próprio progresso, tornando-te apto a experimentar a coroa de espinhos de Jesus, mas, também, ver-te-ás capacitado a respirar o clima dos luminosos Numes que cooperam com Ele, impulsionando o progresso do mundo.

Camilo

## ***Sobre os médiuns***

### **1. O que é um médium?**

Conforme a conceituação do próprio Codificador do Espiritismo, Allan Kardec, médium, em tese, é toda pessoa *que sente, num grau qualquer, a interferência dos Espíritos* em sua mente. No mesmo item, não obstante, Kardec estabelece o entendimento usual quanto ao conceito de médium, afirmando que são qualificados como médiuns *aqueles em que a faculdade é bem caracterizada, apresentando efeitos patentes, de certa intensidade*,<sup>5</sup> quer dizer, pessoas em quem os fenômenos são claros, de fácil identificação, nitidamente observáveis, mostrando certa pujança.

### **2. A faculdade mediúnica se baseia nos recursos da mente ou do corpo do médium?**

Enquanto captação ou registro do mundo invisível, o fenômeno se passa ao nível da mente. As mensagens são transmitidas de uma a outra mente, sejam quais forem seus teores. A exteriorização delas, contudo, acha-se na dependência do sistema neurológico do médium.

Por mais que alguém se afirme médium psicógrafo, psicofônico ou de efeitos físicos, ou seja, apontado como tal, isso somente se confirmará quando esse alguém passar a escrever, a falar ou a provocar fenômenos físicos sob o controle de desencarnados.

Assim, podemos compreender que a exteriorização de vasto espectro de mediunidade só se dá por meio do corpo físico.

Há faculdades mediúnicas tais como a vidência, a audiência, a inspiração mediúnica, que não se exteriorizam através do

corpo. No entanto, são de mais difícil comprovação. Enquanto naquelas há como examinar os conteúdos mediúnicos obtidos e analisá-los, verificando sua veracidade ou sua autenticidade, nessas últimas o exame terá que ser mais exigente, haja vista que os fenômenos são subjetivos, "impalpáveis", detendo grandes possibilidades de ser confundidos com produtos da mera imaginação, tipicamente anímicos, decorrentes de muitas mentes excitadas e ansiosas, que julgam estar "vendo", "ouvindo" ou "sentindo" coisas elaboradas por elas mesmas. Não é à toa que Allan Kardec propõe que *"há muito que desconfiar dos que se inculcam possuidores dessa faculdade"* ao se referir à vidência.

Então, podemos dizer que a faculdade mediúnica se apoia tanto nos recursos da mente quanto nos do corpo do médium quando estamos lidando com médiuns encarnados.

### **3. Pode-se dizer que a faculdade mediúnica é hereditária?**

A faculdade mediúnica em si mesma não pode ser considerada como transmissível de pais para filhos, pelo fato de constatarmos que, em geral, filhos de médiuns costumam também apresentar características mediúnicas.

O que se passa é que todo Espírito que vem para a reencarnação, com deveres a serem atendidos na esfera da mediunidade, renasce com um sistema nervoso apropriado ao estabelecimento dos contatos entre as diferentes dimensões, a dimensão física e a espiritual. Desse modo, esses reencarnados com tarefas mediúnicas a cumprir são facilmente sensibilizados, psíquica e neurologicamente, ao contato com seres da dimensão espiritual ou desencarnados.

São comuns, dessa maneira, os tremores gerais ou parciais, os calafrios, a taquicardia, a bradicardia, as paralisias, as hipo

e hipermotricidade, a hipersudorese, correspondendo a efeitos biológicos da influência mediúnica, graças às reações do sistema nervoso, quando atuado por fluidos de desencarnados.

Ora, os pais médiuns, assim, transmitem a seus filhos certas características biológicas que, sem dúvida, são hereditárias. E por que determinados Espíritos encarnam filhos deles e herdaram tais características? Porque deverão desincumbir-se de compromissos importantes com a vida, no campo mediúnico.

Não há acasos na lei de Deus.

#### **4. Qual a finalidade fundamental da mediunidade? !**

Ao facultar a Suas criaturas encarnadas na Terra o registro de outras dimensões espirituais, o Criador abre-lhes as portas para o contato com suas origens e a chance do incentivo para o progresso geral.

É graças à faculdade mediúnica que nos sabemos imortais. É daí que nos advém a certeza de que a morte, como final irreversível de tudo, é uma quimera.

Como a mediunidade permite aos encarnados o contato amplo com os desencarnados sublimados, com os medianos e com os que se acham em estados lamentáveis, a Divindade aproveita para propiciar aos Seus filhos de boa vontade a chance de se fazerem úteis, por meio da prestação de serviços a si e ao semelhante, seja transmitindo os "recados" do Invisível para a Terra, possibilitando sua iluminação, sua libertação moral, seja possibilitando a orientação e o consolo de incontáveis massas de desassisados e enfermos, de ignorantes das questões da alma e desesperançados em face das próprias vidas.

Enfim, a mediunidade é a porta que permite a manutenção dos nossos contatos, os que estão nas teias corporais com os que

delas já nos despegamos, com vistas à alimentação psíquica e à visão da eterna vida de que todos carecemos.

**5. Pode-se considerar a faculdade mediúnica como um privilégio somente conhecido dos spiritistas?**

Não; de forma alguma. Essa faculdade pertence a toda humanidade. O Codificador já teve ocasião de exprimir-se, em *O Livro dos Médiuns*, dizendo que essa faculdade é inerente ao ser humano e que, assim, não constitui privilégio exclusivo nem de pessoas, de grupos religiosos ou filosóficos nem de povos ou países.

Nada obstante, é no corpo da Doutrina Espírita que encontramos as informações mais claras e amadurecidas a respeito da mediunidade, o que oportuniza ao indivíduo que queira acercar-se dos seus estudos ou práticas um conhecimento sem mitologias, sem credulidades piegas, sem ritualística.

**6. Podem existir médiuns não espíritas? Sendo esses médiuns trabalhadores sérios, por que seus guias não lhes recomendam o estudo do Espiritismo?**

Indubitavelmente. Como a faculdade mediúnica é inerente à criatura humana, não há qualquer impossibilidade de encontrar médiuns fora dos arraiais espíritas e mesmo em setores materialistas ou ateístas.

Bastará lançemos um atencioso olhar para a História como um todo e para a História das Religiões, em particular, para que nos defrontemos com pessoas dotadas de mediunidade, denominadas de maneiras variadas: magos, bruxos, pítias, feiticeiros, profetas, santos e tantos outros.

Nos campos de atividades em que se encontram, contam sempre com as sugestões felizes dos seus guias espirituais que por

serem lúcidos, sabem que deverão orientá-los segundo a sua maturidade, suas buscas e crenças atuais, sob pena de provocar sérios desastres psicológicos em seus tutelados, caso lhes queiram apresentar algo que não consigam suportar.

Para verificar-se como é complexa a situação, vemos incontáveis líderes da mediunidade nos campos espíritas, para os quais os Mentores do Bem estão sempre propondo o estudo do Espiritismo como porta de libertação e crescimento, mas esses líderes não dão a menor importância, prosseguindo apegados à ignorância e ao aventureirismo, cristalizados em posições personalistas, levando muita gente para o mesmo despenhadeiro... a despeito das chamadas do Mais Alto.

Então, não há por que se pretender que os médiuns não espíritas tenham que estudar o Espiritismo, pelo menos por enquanto, quando os espíritas acham tanta dificuldade em fazê-lo.

## **7. Como ajudar pessoas que professam outras religiões quando elas apresentam mediunidade?**

Primeiramente, manda o bom-senso que verifiquemos o interesse dessas pessoas em obter a nossa ajuda; depois, se tal interesse de ajudar vem do sentimento nitidamente fraternal ou se não parte do nosso lado exibicionista e metediço. Constatadas essas disposições nossas e estando claro que seremos úteis, em razão da necessidade e do interesse dessas pessoas em nossa cooperação, faremos com que se deem conta de que se acham numa área de fenômenos mediúnicos. Mostraremos, de maneira coerente, racional, sem descabido emocionalismo, que não se trata senão de registros psíquicos da realidade espiritual que a todos nos cerca.

Daí, colocá-las-emos em contato com o Espiritismo, através de o Livro dos Espíritos e de o Livro dos Médiuns, deixando as



peças livres para que façam suas escolhas. Nada de atormentá-las com nossa insistência, com nossas imposições protecionistas, posto que também nessa área mediúnica os indivíduos dispõem de liberdade para assumir ou não os seus compromissos.

## **8. Em que consiste o desenvolvimento mediúnico?**

Consiste num processo no qual o candidato a médium busca trabalhar certas habilidades que facilitem o bom exercício da tarefa mediúnica, quando for o caso, ou, simplesmente, aprende a dar um direcionamento determinado a sua faculdade, capacitando-se a bem administrar suas percepções, suas sensações, não se permitindo ser manobrado por quaisquer desencarnados, conseguindo o devido controle sobre si mesmo.

Durante o processo do desenvolvimento, que corresponde a uma fase de educação das diversas reações do médium submetido ao fenômeno, este aprende a registrar e identificar os tipos de fluidos com que lida; percebe se se sente tranquilo ou irritado, alegre ou deprimido, sonolento ou febricitado, ou se se dá conta de outras sensações psicológicas e físicas quando se aproxima de determinadas pessoas ou quando dele se acercam certos desencarnados.

Esse conjunto de percepções vai dando ao médium começante a devida condição de absorver, assimilar ou rechaçar as influências que recebe de encarnados e de desencarnados, por meio do comando mental que aprende a desenvolver com o tempo.

Como o médium o é durante as vinte e quatro horas do dia, isso, implica dizer que poderá fazer registros psíquicos a qualquer hora do dia ou da noite, em qualquer lugar onde esteja, fazendo seja o que for. Isso não quer dizer que estará durante todo o tempo em trabalho mediúnico – o que configuraria desastroso desequilíbrio. Mas que dizer que, como uma antena perenemente acionada, o médium estará sempre fazendo seus registros.



Na fase do desenvolvimento, então, o médium aprenderá a identificar os tipos de fluidos e/ou de entidades espirituais à sua volta, sem exibicionismo, sem teatralidade, aprendendo a ser sempre mais discreto, firmando seu autocontrole, de modo a não afligir ninguém.

Nos episódios em que não se sente bem, nesse ou naquele contato, buscará na oração, na elevação de pensamentos, a mudança de sintonia, sempre de modo muito discreto. Quando for possível, procurará um lugar para respirar ar puro e fresco, saindo de burburinhos, de tumultos mentais. Doutra feita, buscará um ambiente isolado para orar, modificando os painéis mentais.

Quando houver ensejo, mudará o tom das conversas perturbadoras, proporá a audição de alguma boa música ou a leitura de um texto nobre - não obrigatoriamente religiosos - mas que permitam a mudança de sintonia psíquica.

O processo de desenvolvimento mediúnico, desse modo, não ocorre somente no dia da reunião específica, no Centro Espírita, mas, como em qualquer processo educacional, há que se estar atento aos diversificados ensejos que a vida cotidiana oferece, para lograr o êxito almejado. Nessa fase, como adverte Allan Kardec, *"a calma e o recolhimento, jun t o s ao desejo ardente e à firme vontade de conseguir-se o intuito"* 11 são mais importantes do que a manifestação em si, pura e simples.

## **9. Estão sujeitos a algum perigo os médiuns em fase de desenvolvimento?**

Atentos ao fato de que os médiuns começantes dispõem de canais psíquicos abertos que não contam, ainda, com a necessária vigilância, pela inexperiência que os caracteriza, é comum que tenham como escolha o *"embate com Espíritos inferiores"* que costumam tentar dominar a mente dos incautos, conforme orienta o Livro dos Médiuns.

**10. Quando nada obtém, ao longo do processo de desenvolvimento, deve o médium persistir nos exercícios?**

O Codificador, Allan Kardec, ensina que, em se reportando à psicografia - o que bem podemos entender para o exercício. De qualquer outra faculdade - *"se; apesar de tudo, nenhuma alteração houver, deve o médium parar, uma vez reconheça que nada de sério obtém"*.

**11. Haverá um limite para o desenvolvimento? Chegará um tempo em que o médium estará completo?**

Imaginemos que, na área profissional, alguém conclua com êxito seu curso de engenharia, de medicina ou outro qualquer. O curso, devidamente concluído, dá ao profissional a condição de construir ou calcular, de diagnosticar ou tratar, sem qualquer problema, com grande margem de acerto. Contudo, nenhum profissional poderá entender que esteja completo ou que não lhe cabe mais nada aprender, sob pena de ficar ultrapassado, tornando-se pouco respeitável naquilo que faz.

Na mediunidade, o médium desenvolve as suas capacidades a tal ponto que se vê na condição de trabalhar no bem, de servir, de cooperar de vários modos na estrada do psiquismo em que se ajusta. Porém, nenhum médium estará completo para sempre, sem necessidade de aprimoramento intelectual, emocional e moral. Há sempre o que aprender, o que aperfeiçoar, em si e ao redor de si, como os profissionais que vão se burilando, a fim de atuar sempre mais e melhor em seu campo de ação. A ausência desse movimento de evolução fará com que o médium se embruteça, desenvolva manias, pieguices, dê vazão a folclóricas crendices, como quem estagnou no tempo.

## **12. . Pode alguém desenvolver sozinho, em casa, a sua faculdade mediúnica?**

Nada obstante Kardec, na área da psicografia, chancele a prática individual para o desenvolvimento mediúnico, ele próprio reconhece que alguns, "durante muito tempo, traçam riscos e fazem verdadeiros exercícios caligráficos. Em se prolongando, em demasia, tais exercícios, ou degenerando na grafia de sinais ridículos, não há porque duvidar de que se trata de um Espírito que se diverte..." Demonstra ele, aí, que pode haver interferência perniciosa, perigosa mesmo.

Na esfera da mediunidade, em geral, o ideal é que os candidatos se ajustem a um grupo sério de trabalhos mediúnicos, para que possam contar não só com a proteção dos Benfeitores desencarnados, interessados nesse trabalho, mas também com o carinho, com o aconchego moral dos companheiros que se acham na mesma rota de autossuperação.

Torna-se, assim, desaconselhável a prática dos exercícios de desenvolvimento mediúnico no ambiente doméstico, pelas aberturas psíquicas que criam para o lar, sem os elementos de filtragem capazes de selecionar os tipos de convivas espirituais que se agasalhará em casa.

## **13. Existe limite de idade para o aparecimento da mediunidade em um indivíduo?**

Não há qualquer limite de idade para o aparecimento da mediunidade numa pessoa. A palavra kardequiana é bastante clara a esse respeito quando afirma que: "Ela se manifesta nas crianças e nos velhos, em homens e mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saúde, o grau de desenvolvimento intelectual e moral".

Naturalmente, se é cabível pensar que para o aparecimento – ou manifestação - da mediunidade não existem entraves de nenhuma ordem, no que diz respeito a sua prática, aí, sim, deve-se tomar os necessários cuidados, para que não sejam conduzidas quaisquer pessoas à mesa de exercícios mediúnicos.

Crianças e doentes psiquiátricos - e portadores de outras enfermidades graves como várias cardiopatias e várias nevroses - devem ser mantidos fora dessas atividades que exigem intensa dinâmica psíquica, o que poderia acarretar desnecessários distúrbios para o indivíduo.

O bom-senso ainda nos mostra que, não obstante a faculdade mediúnica possa eclodir nos anciões, deverão ser examinadas as condições gerais de sanidade desses anciões, antes que se decida por levá-los a qualquer esforço mental por um desenvolvimento que já não terão condições de implementar, em razão da fragilidade psicofisiológica que apresentam.

#### **14. O fato de a mediunidade manifestar-se consciente ou inconscientemente guarda relação com o adiantamento moral do médium?**

De modo nenhum. A manifestação mediúnica, de aspecto consciente ou inconsciente, nada tem a ver com o grau evolutivo do médium, mas está relacionada a aspectos psicológicos, fisiológicos ou psicofisiológicos desse mesmo sensitivo.

Vale considerar que a consciência ou não durante o transe pode sofrer intermitências, isto é, períodos de consciência alternando com períodos de inconsciência, mormente quando esses estados são determinados por situações psicológicas ou psicofisiológicas.

Pode ocorrer que, de acordo com os tipos de Espíritos comunicados ou com interesse dos Guias dos médiuns, apenas certas manifestações sejam conscientes e outras não.

Depreendemos daí que pode haver flutuações na questão da consciência ou não do médium durante as manifestações. Só não ocorrerão alternâncias no caso em que essas características sejam determinadas pela estrutura fisiológica do sensitivo que, então, não pode ser alterada. Assim, ele será definitivamente consciente ou definitivamente inconsciente.

Por fim, é forçoso admitir que a chamada inconsciência mediúnica não traz nenhuma superioridade para o fenômeno, não sendo garantia de qualidade. O que dá ao fenômeno superioridade e garantia, num ou noutro estado consciencial, é a qualidade moral do médium, seus progressos como um todo, que o fazem respeitado ante o Invisível, em virtude da responsabilidade, da seriedade com que encara seus compromissos.

### **15. É possível para o médium inconsciente, após o transe, lembrar se das sensações que teve durante a comunicação mediúnica?**

Tendo-se em conta que o médium, em estado de transe inconsciente, não se acha desligado do seu corpo físico, mas somente desprendido, podem remanescer em seus registros cerebrais certas impressões, ou sensações, obtidas durante o transe, podendo mencioná-las quando retorne a sua normalidade.

Durante o transe inconsciente é comum acontecer que o médium fique num estado de sono profundo, mas que lhe permite captar sons, presenças variadas, luminosidade, ainda que não distinga esses sons, não identifique essas presenças ou não perceba donde vem a claridade. Essas sensações difusas podem se fixar na memória atual e ser lembradas após o transe. Contudo, isso varia de um para outro medianeiro, não havendo uniformidade nessa questão.

### **16. Qual a diferença entre médiuns sonambúlicos e médium inconscientes?**

Muito embora no seio do Movimento Espírita haja o costume de

chamar-se de sonambúlico àquele que sofre um transe inconsciente, pelo fato de o médium "dormir " durante o processamento do fenômeno, é necessário lembrar que o Codificador estabelece que médium sonambúlico ou sonâmbulo é o indivíduo que, em seu estado de sonambulismo comum, contata os desencarnados e transmite as mensagens que recebe, podendo vê-los e com eles confabular. O estado de emancipação do sonâmbulo é o que facilita a comunicação.

No caso do médium inconsciente, também chamado por Kardec de médium natural, encontramos aqueles em quem o fenômeno mediúnicos apresenta um caráter de espontaneidade, sem que a sua vontade consciente interfira, ou seja, nem sempre o médium está desejando ou esperando que o fenômeno aconteça.

Aqui podemos ver a importância da boa formação intelecto moral do médium, pois esta é capaz de criar uma aura de proteção para ele, a fim de que não se torne juguete de desencarnados irresponsáveis, ou mesmo cruéis, que deseja aproveitar-se da sua espontaneidade.

Vemos assim que, enquanto o médium inconsciente é controlado pelos desencarnados que atuam por meio dele nos variados fenômenos, quer os da psicografia, da psicofonia, da ectoplasmia e outros, o médium sonambúlico encontra-se com os desencarnados; ao desprender-se do corpo, com eles dialoga e nesse estado de emancipação relata o que vê e o que ouve.

Entretanto, também o sonambúlico, ao despertar, pode guardar profunda ou parcial inconsciência do que com ele haja transcorrido no Invisível.

**17. Pode o médium mecânico conversar com alguém, enquanto psicografa uma mensagem?**

Sabendo-se que o médium mecânico, ou médium passivo, como o chama Allan Kardec, embora possa estar lúcido durante a ocorrência do fenômeno, nada sabe do que sua mão escreve, desenha ou pinta, estando desse modo, "inconsciente" quanto ao teor da produção, nada impede que converse com alguém, enquanto se opera a manifestação.

Nesse caso, os desencarnados agem usando as mãos do médium como um apêndice, como se fosse uma caneta, uma ferramenta qualquer, o que estabelece que esse médium mecânico, com essa habilidade, também o é de efeitos físicos. Agindo sobre os centros motores do cérebro do médium e valendo-se dos recursos ectoplásmicos que este oferece, é que os Espíritos atuam sobre as suas mãos ou sobre seus pés, provocando movimentos "involuntários", deixando a mente livre, no entanto, para conversar ou canta rolar, sem dificuldade.

### **18. Há sentido em falar-se em mediunidade semimecânica?**

Sim, há sentido. Ao estudar em *O Livro dos Médiuns*, o Codificador situa muito bem tal característica da mediunidade gráfica. 20 Mostra que, se por um lado, encontramos os movimentos "inconscientes", involuntários nos médiuns totalmente **mecânicos, naqueles chamados semimecânicos dá-se** um misto entre os gêneros *mecânico e intuitivo*. Participa do gênero mecânico porque seus membros- mãos ou pés – sofrem aqueles impulsos involuntários, e participa do gênero intuitivo porque, enquanto ocorre o fenômeno, ele tem plena consciência do que está sendo feito, o que não ocorria com os fenômenos mecânicos.

### **19. Como pode o médium contribuir para que a comunicação seja de boa qualidade?**

O médium cumpridor dos seus deveres, associado a um nobre grupo de trabalhos, interessado em progredir, responsável e sério, desenvolverá elementos internos para que obtenha comunicações de boa qualidade.

## **20. Deve-se fazer elogios ao médium?**

*"As faculdades de que gozam os médiuns lhes granjeiam os elogios dos homens. As felicitações, as adulações, eis, para eles, o escolho."* Temos, aí, a possibilidade de entender que é totalmente desnecessário e mesmo desastroso o elogio a qualquer médium. Sendo ele uma pessoa comum, comprometida com sua própria libertação espiritual por meio do trabalho fecundo e feliz da mediunidade, em prol de si, dos seus semelhantes, da vida, enfim, dispensará sempre o visco do elogio e da bajulação.

O que não deverá faltar ao médium é o gesto fraterno do **incentivo** à perseverança, à constância na fidelidade a Jesus e aos esforços para fazer-se a cada dia mais atilado, mais lúcido e mais nobre do que na véspera.

## **21. Há como se distinguir a intuição da inspiração?**

Na intuição mediúnica, o médium recebe o pensamento do desencarnado e o transmite com suas palavras, com seus recursos gerais. Muitas vezes, o Espírito projeta sobre a mente do médium uma ideia completa sobre alguma coisa; a ele caberá exprimi-la com os elementos culturais e emocionais que detenha. Doutras vezes, chegará à sua mente um quadro retratando alguma cena, algum episódio, seja da natureza, seja do cotidiano da sociedade, por exemplo, e o médium deverá, ainda, fazer a descrição.

A inspiração mediúnica, por sua vez, pode ser vista como uma variação da intuição mediúnica, posto que naquela o médium



registra um pensamento pronto que ele não precisa interpretar para os outros, caso não o queira, mas deve entender a mensagem para si.

Surgem inspirações tanto de Espíritos benfeitores, quanto de perturbadores, cabendo ao inspirado distinguir uns dos outros. Na inspiração ocorrem lampejos para determinadas decisões a tomar, clareza para certa atuação ou tomada de posição, facilidade para falar, escrever, desenhar, cantar, como envolvimento sutis ou intensos por parte de amigos espirituais que querem auxiliar seus pupilos encarnados, em variadíssimos momentos ou períodos da vida.

Em várias ocasiões o inspirado não recebe uma ideia, posto que já conduzia no pensamento, mas recebe a forma como poderá utilizá-la, a fim de lograr êxito.

Nenhuma criatura terrena - mergulhada a humanidade no psiquismo do Invisível como se acha - vive isenta de receber as mais diversas inspirações, superiores umas, inferiores tantas, devendo cada um ajustar-se às que lhe sejam mais convenientes.